

**ALESSANDRA C. DESTRO MARIA  
SELMA CRISTINA MOREIRA**

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO  
FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS.**

**CAMPO LIMPO PAULISTA.  
DEZEMBRO/2011  
FACCAMP / SP**

**ALESSANDRA C. DESTRO MARIA  
SELMA CRISTINA MOREIRA**

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO  
FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado para obtenção do título de  
Licenciatura em Pedagogia, sob  
orientação da Professora Ms. Vivian  
Sotelo.

**CAMPO LIMPO PAULISTA  
DEZEMBRO/2011  
FACCAMP/SP**

## DEDICATÓRIA

*Dedicamos este trabalho a todos os professores que almejam uma educação melhor e, conseqüentemente, uma sociedade mais justa.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus: Meu amparo e refugio, alegria da minha alma, onde encontrava esperança. E as mãos que guiam-me e acolhem.

Aos meus pais Anderson e Carmem, minha corrente forte que jamais partirá. As mãos amigas que me acalentam, dão força e guiam – me. É com grande alegria e gratidão que dedico esta minha vitória a vocês, pessoas que me possibilitaram todo suporte emocional e financeiro, no decorrer de minha vida. Se venço hoje, é graças também a vocês. Os amo e essa conquista é nossa!”

A minha filha Isabela, pela paciência e por entender meus momentos de ausência e ao meu marido Rodrigo, pelo amor que tens para comigo. Por acreditarem e torcerem sempre por mim, me incentivando em todos os momentos em que precisei. Se cheguei aqui é porque tive vocês como base. Vocês são únicos e o meu agradecimento é eterno. Conseguimos juntos vencer mais uma. Muito obrigada!

As minhas irmãs Elisangela e Yasmin, agradeço pelas nossas diferenças, mas que sempre nos uniam pelo amor de uma para com a outra. Sinto-me feliz em dedicar o findar de mais uma etapa da minha vida à vocês, pessoas que ajudam-me nos momentos de dificuldades. Obrigada por todo amor e carinho.

A Selma, pela confiança, amizade edificada e por todos os momentos compartilhados.

A Cida, Cláudia, Paulinha, Silvia, Tati e Naty, por esses três incríveis anos, pelas boas risadas e por todos os momentos compartilhados.

A orientadora Vivian Sotelo, pelas cobranças, exigências, dinamismo e paciência. Muito obrigada por tudo.

*Alessandra C. Destro Maria.*

Agradeço a Deus por ter me dado tanta força para passar este último semestre, que foi o mais difícil desde que entrei na faculdade, porque me ensinou o valor da vida, me revitalizando em todos os momentos difíceis.

Aos meus filhos Júlia e Daniel, por me entender, e compreender minha ausência e por sempre estarem ao meu lado, por terem me apoiado incondicionalmente.

A minha, orientadora, Vivian Sotelo, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivo.

Agradeço aos amigos verdadeiros e presentes que me entenderam, nesse último semestre. Esses merecem um agradecimento especial: Alessandra, amiga por escolha e irmã de coração, gentil, companheira que me ouviu e me agüentou nesses meses, por estar presente, grande conselheira, ajudou a não desistir, me aceitou como sou.

Aos amigos que fiz na Faccamp, que foram sinceros: Cida, Paulinha, Claudia, Natalia, Tati.

Aos amigos que não foram citados aqui, mas que contribuíram direta e indiretamente para que eu chegasse até aqui, pelo carinho, apoio e dedicação, por acompanharem minha trajetória acadêmica, que foram sempre presentes.

Ao meu querido marido Gil, que tantas vezes usurpado da minha presença, mas não do meu amor. Sempre participou das minhas conquistas.

*Selma Cristina Moreira.*

## EPÍGRAFE

*“...mire, veja: o mais importante e bonito do mundo é isto;  
que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram  
terminadas, mas que elas vão sempre mudando.  
Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou.”*

João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas

## RESUMO

Este trabalho aborda parte dos resultados de pesquisa desenvolvida em duas escolas municipais da região, visando estudar a implementação do ensino fundamental de nove anos, que ocorreu em 2008 e 2009, ano de adoção do novo ensino fundamental nos respectivos municípios em que as escolas se encontram. A pesquisa compôs-se em estudos teóricos e por um conjunto de procedimentos metodológicos, dos quais destacamos as conversas realizadas com os pais de alunos de 6 anos de idade incluídos no primeiro ano do ensino fundamental. As análises do material permitiram evidenciar que a recepção do novo ensino fundamental pelos entrevistados foi predominantemente favorável, decorrente de expectativas de alfabetização das crianças. Conseqüentemente, avaliaram de modo positivo atividades de leitura/escrita no primeiro ano e opuseram-se à existência de outras atividades no currículo, sobretudo às atividades lúdicas. Com este estudo, pretende-se contribuir para reflexões sobre desafios a serem enfrentados no novo ensino fundamental, focalizando particularmente no processo de alfabetização e nas concepções dos pais referente ao novo sistema de ensino.

**Palavras-chave:** Ensino fundamental de nove anos, alfabetização, o brincar no ensino fundamental.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	09
CAPÍTULO I	
ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS. POR QUÊ? .....	11
1.2 A importância do brincar no ensino fundamental. ....	13
CAPÍTULO II	
A ORGANIZAÇÃO DO CURRÍCULO DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA AS CRIANÇAS DE SEIS ANOS DE IDADE. ....	15
2.1 O espaço das Ciências Sociais nos anos iniciais. ....	16
2.2 O espaço das Ciências Naturais nos anos iniciais. ....	17
2.3 O espaço das Noções Lógico-Matemáticas nos anos iniciais. ....	17
2.4 O espaço da leitura e escrita nos anos iniciais. ....	17
CAPÍTULO III	
O QUE PENSAM OS PAIS SOBRE O ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS.....	20
Conclusões e Considerações finais.....	23
Referências.....	24



## INTRODUÇÃO

A implantação do ensino fundamental de nove anos, oficializada com a aprovação da Lei Federal nº 11.274 de fevereiro de 2006, tem por propósito garantir a todas as crianças tempo ampliado de convívio escolar com maiores oportunidades de aprendizagem. Nas orientações gerais para o ensino fundamental de nove anos (BRASIL, 2007), elaboradas pela SEB/MEC (Secretaria de Educação Básica/Ministério da Educação), um dos argumentos usados para a ampliação do período de escolarização obrigatória reside na constatação do ingresso tardio das crianças dos setores populares na escola ao se comparar que as crianças de seis anos de idade das classes sociais médias e altas já se encontram, incorporadas ao sistema de ensino pré-escolar ou na primeira série do ensino fundamental. Portanto, pretende-se com o ensino de nove anos assegurar a um número maior de crianças, o ingresso mais cedo na escola obrigatória dando oportunidade a permanência e a aprendizagem com qualidade. Visa também, diminuir os índices de fracasso escolar, sobretudo, na fase inicial de alfabetização, pois o envolvimento mais cedo das crianças dos meios menos favorecidos com a cultura escolar e com a língua escrita e seus usos, pode contribuir para a redução desse fracasso, porém o novo sistema de ensino não deve se limitar apenas à alfabetização, é necessário incluir atividades lúdicas no cotidiano escolar das crianças.

Sobre este tema é pertinente questionar: O que se pretende com essa mudança? Quais os desafios que são enfrentados pelos professores? Como tem ocorrido a capacitação desses profissionais? Como as Instituições de Ensino estão se adequando às novas propostas do ensino fundamental de nove anos? Foi elaborada uma nova proposta curricular que atenda as necessidades das crianças de seis anos de idade?

Justifica-se o estudo desse assunto, pela importância que o tema da inclusão de crianças de seis anos no ensino fundamental vem ocupando no atual cenário da educação brasileira, no debate entre educadores e na promoção de políticas públicas. Esperamos a partir das pesquisas ampliar nossos conhecimentos sobre o tema, acreditamos ser de extrema importância que todos os professores compreendam as mudanças que vem ocorrendo na educação.

No contexto atual de reorganização do Sistema de Ensino para nove anos será apresentado nesse trabalho dados coletados a partir de pesquisas bibliográficas, observações e discussões realizadas com pais de alunos de 6 anos de idade incluídos no primeiro ano do novo ensino fundamental.

O primeiro capítulo do trabalho: *Ensino Fundamental de nove anos. Por quê?* apresenta os resultados das leituras realizadas sobre o tema da pesquisa, apontando o por que da mudança. No segundo capítulo: *A organização do currículo do ensino fundamental de nove anos para as crianças de seis anos de idade*; são destacadas as áreas que devem ser trabalhadas com os alunos. E, por fim, o terceiro e último capítulo: *O que pensam os pais sobre o ensino fundamental de nove anos*; mostra os resultados e a análise da pesquisa de campo.

Esta pesquisa foi realizada a partir de pesquisas bibliográficas e consultas aos documentos oficiais elaborados pelo MEC e pela Secretária de Educação Básica. O levantamento bibliográfico realizado nos deu base para a pesquisa de campo que foi realizada em duas escolas municipais da região, através de observação e conversas com os pais e professores.

## Capítulo I

### ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS. POR QUÊ?

No Brasil, historicamente, a idade mínima para o ingresso na escola foi de sete anos de idade. Nos últimos tempos, houve um interesse crescente em ampliar este ingresso para as crianças de seis anos e aumentar o período de duração do ensino obrigatório de oito para nove anos. Esta intencionalidade pode ser constatada por meio das sucessivas leis que amparam a educação brasileira: a *Lei nº. 4.024/1961*, que estabelece a obrigatoriedade do ensino para *quatro anos*, o *Acordo de Punta Del Este e Santiago/1970*, que estende para *seis anos* o ensino para todos os brasileiros; a *Lei nº. 5.692/1971*, que distende a obrigatoriedade para *oito anos*; a *Lei nº 9.394/1996*, que sinaliza para um ensino fundamental obrigatório de *nove anos*, a iniciar-se aos seis anos de idade; a *Lei nº. 11.114/2005*, que altera a *9.394/1996* e tornou obrigatório o início do ensino fundamental aos seis anos de idade, e, por fim, a *Lei nº. 11.274/2006* que institui o ensino fundamental de nove anos de duração com a inclusão das crianças de seis anos de idade.

Cabe, ainda, ressaltar que o ensino fundamental de nove anos é um movimento mundial e, mesmo na América do Sul, são vários os países que o adotam, fato que chegou até a colocar jovens brasileiros em uma situação delicada, uma vez que, para continuar seus estudos nesses países, foi colocada a eles a contingência de compensar a defasagem constatada.

A partir das consultas aos documentos do Ministério da Educação que apresentam o novo ensino fundamental, é possível verificar que não se pretende apenas antecipar a entrada das crianças no ensino obrigatório ou acrescentar um ano em sua duração, pretende-se construir um novo currículo para esta etapa do ensino. Segundo os autores do projeto do ensino fundamental de nove anos:

(...) não se trata de transferir para as crianças de seis anos os conteúdos e atividades da tradicional primeira série, e sim conceber uma nova estrutura de organização dos conteúdos. (Brasil, 2004, p.17).

A mudança do ensino fundamental não se deve restringir apenas a estruturação do primeiro ano, é preciso rever conteúdos, atividades e práticas

pedagógicas de todo o ensino fundamental, podemos verificar isso em outro trecho do documento oficial:

No que concerne ao ensino fundamental, as crianças de seis anos , assim como as demais de sete a dez anos de idade, precisam de uma proposta curricular que atenda as suas características, potencialidades e necessidades específicas.

Nesse sentido, não se trata de compilar conteúdos de duas etapas da educação básica, trata-se de construirmos uma proposta pedagógica coerente com as especificidades da segunda infância e que atenda, também, as necessidades de desenvolvimento da adolescência. (Brasil, 2006, pág. 8)

A ampliação em mais um ano de estudo no Ensino Fundamental deve produzir um salto na qualidade da educação: inclusão de todas as crianças de seis anos, menor vulnerabilidade a situações de risco, permanência na escola, sucesso no aprendizado e aumento da escolaridade dos alunos.

Segundo o Plano Nacional da Educação Lei nº 10.172/2001, a implantação progressiva do ensino fundamental de nove anos, pela inclusão das crianças de seis anos de idade, tem duas intenções: “oferecer maiores oportunidades de aprendizagem no período da escolarização obrigatória e assegurar que, ingressando mais cedo no sistema de ensino, as crianças prossigam nos estudos, alcançando maior nível de escolaridade”. Ou seja, o objetivo desta mudança é ampliar o tempo de convívio escolar de todas as crianças, um maior contato com a leitura e a escrita, mais tempo e melhores oportunidades para aprender.

Entretanto, os documentos oficiais também propõem que ao lado de investimentos em letramento e alfabetização, as escolas garantam uma educação enriquecida de brincadeiras e atividades lúdicas, pois embora educação infantil e ensino fundamental sejam freqüentemente separados, não podemos esquecer que temos crianças na educação infantil e também no ensino fundamental. É necessário garantir que as crianças sejam atendidas em suas necessidades, de aprender e de brincar, precisamos ver, entender e lidar com as crianças como crianças e não simplesmente como alunos.

A inclusão de crianças de seis anos no ensino fundamental exige um diálogo constante entre esses dois segmentos esse diálogo irá nos impedir de acreditar na errônea concepção de que a infância está presente apenas na educação infantil e não no ensino fundamental, pois historicamente o ensino fundamental não tem considerado o universo lúdico, as brincadeiras e os jogos como prioridade, quando

as crianças chegam nessa etapa do ensino é comum ouvirmos a frase “Agora chega de brincadeira”. Portanto, repensar no que é a infância será um dos grandes desafios do novo ensino fundamental.

## **1.2 A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NO ENSINO FUNDAMENTAL.**

Como já mencionamos no texto acima, o brincar deixa de fazer parte das rotinas das crianças assim que entram no ensino fundamental, o parque e as brincadeiras dão lugar às atividades de leitura e escrita e o tempo do brincar se limita apenas à hora do intervalo. Isso ocorre porque nas sociedades ocidentais, o brincar ainda é considerado como uma atividade irrelevante e de pouca importância para o processo educacional, embora muitos estudos apontem a importância do brincar para o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Todo esse embasamento teórico ainda não foi suficiente para modificar as idéias e práticas que reduzem o brincar a uma atividade de menor importância na formação escolar das crianças.

Precisamos incorporar o brincar como dimensão cultural. Ângela Meyer Borba, doutora em educação afirma que:

Na realidade, tanto a dimensão científica quanto a dimensão cultural e artística deveriam estar contempladas nas nossas práticas junto às crianças, mas para isso é preciso que as rotinas, as grades de horários, a organização dos conteúdos e das atividades abram espaço para que possamos, junto com as crianças, brincar e produzir cultura. (Brasil, 2006, p. 35)

A brincadeira é um fenômeno cultural, pois é formado por um conjunto de conhecimentos, construídos e acumulados pelos sujeitos nos contextos culturais em que se inserem. As crianças partilham esses conhecimentos, dessa forma o brincar contribui para a sua formação como sujeito cultural.

Para que se ampliem as possibilidades de criação no brincar é necessário que as crianças tenham acesso a espaços coletivos de brincadeira e a experiências de cultura. Brincar com o outro, portanto, é uma experiência de cultura e um complexo processo de interação e reflexão que envolve a construção de habilidades, conhecimentos e valores sobre o mundo. O brincar amplia os conhecimentos da criança sobre si mesma e sobre a realidade ao seu redor.

A escola é um espaço de encontro das crianças com o mundo que a cerca, é na escola que as crianças interagem com outras pessoas, que aprendem e que produzem cultura, sendo assim, a escola deve assumir o papel fundamental de garantir em seus espaços o direito de brincar.

Mas infelizmente nosso contato com os ambientes escolares nos permitiu observar que a maioria dos professores se sente pressionados pelos horários e conteúdos que são estabelecidos pela coordenação, e por esse motivo, não encontram tempo para o fazer estético e para a brincadeira.

De acordo com Vygotsky (apud Borba, 2006) o brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação de expressão e de ação pelas crianças, por esse motivo é de extrema importância que a atividade lúdica integre o currículo dos anos iniciais do ensino fundamental, já que as brincadeiras, especialmente os jogos de faz de conta, são considerados como atividades especialmente promissoras para a criação de zonas de desenvolvimento proximal por Vygotsky (apud Borba, 2006).

O brincar não apenas requer muitas aprendizagens, mas constitui um espaço de aprendizagens. Nesta perspectiva, entende-se o brincar como uma atividade essencial para o desenvolvimento das dimensões que compõem a subjetividade das crianças: física, psicológica, cognitiva e social. Deve-se, portanto, tomar a brincadeira como uma expressão legítima e única da infância e inseri-la no cotidiano da escola por meio de estudo nos espaços de debates pedagógicos, nos programas de formação continuada e nos tempos de planejamentos.

## Capítulo II

# A ORGANIZAÇÃO DO CURRÍCULO DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA AS CRIANÇAS DE SEIS ANOS DE IDADE.

O que trabalhar com as crianças de seis anos de idade? Como ensiná-las? Quais conhecimentos são fundamentais e indispensáveis à sua formação?

Foram muitas as perguntas que nos fizemos ao iniciar essa pesquisa, mas para respondê-las foi preciso refletir quem são essas crianças, quais são os conhecimentos que já possuem, suas facilidades e dificuldades, como é sua vida dentro e fora da escola. É necessário antes de tudo que se tenha um olhar sensível para entender essa criança e diante disso pensar num currículo onde o foco principal seja o desenvolvimento e a ampliação das experiências e práticas sócio - culturais das mesmas.

De acordo com Corsino (2006):

(...) o conhecimento é uma construção coletiva e é na troca dos sentidos construídos, no diálogo e na valorização das diferentes vozes que circulam nos espaços de interação que a aprendizagem vai se dando. (Brasil, 2006 p. 59).

Portanto, cabe aos professores propor e coordenar atividades que respeitem e valorizem as experiências e os conhecimentos prévios dos alunos. Segundo Campos (2011), o currículo escolar implica em uma seleção de saberes. E, como em toda seleção, alguns conhecimentos são selecionados e outros são esquecidos. A pergunta que não podemos deixar de fazer é, qual o conhecimento é considerado válido ou essencial para que mereça fazer parte do currículo? Não basta saber o que ensinar, é necessário saber como ensinar e por que ensinar.

Ainda de acordo com Campos (2011), a educação escolar é muito mais do que uma seleção de conteúdos, o professor precisa tornar os conteúdos assimiláveis e significativos para os alunos. A mediação do professor possibilita que as

conclusões de um cientista e/ou as obras dos escritores sejam traduzidas aos alunos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental definem em seu artigo 3º que:

“As escolas deverão estabelecer como norteadores de suas ações pedagógicas:

- a) os princípios éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum;
- b) os princípios dos Direitos e Deveres da Cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática;
- c) os princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais

Os princípios acima traçam uma direção para que as escolas reflitam sobre suas propostas pedagógicas para o ensino fundamental, a partir desses princípios, é importante que o trabalho pedagógico com as crianças de seis anos de idade, garanta o estudo articulado das Ciências Sociais, das Ciências Naturais, das Noções Lógico-Matemáticas e das Linguagens.

## **2.1 O ESPAÇO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NOS ANOS INICIAIS.**

Trabalhar com os conhecimentos das Ciências Sociais nessa fase reside, especialmente, no desenvolvimento da reflexão crítica sobre os grupos humanos, suas relações, suas formas de se organizar, de resolver problemas e de viver em diferentes épocas e locais.

Deve-se propor atividades em que as crianças possam ampliar a compreensão de sua própria história, de sua forma de viver e de se relacionar, identificando diferenças e semelhanças entre as histórias vividas por outros grupos sociais próximos ou distantes.

O trabalho com a área das Ciências Sociais também deve ter o objetivo de ajudar a criança a pensar, a observar e a comparar as paisagens, o lugar onde habita, as relações entre o homem e a natureza. A criança deve perceber que a maneira como o homem lida com a natureza interfere na paisagem e conseqüentemente na qualidade de vida das pessoas. Ela precisa se reconhecer como parte integrante da natureza.



## 2.2 O ESPAÇO DAS CIÊNCIAS NATURAIS NOS ANOS INICIAIS.

Na área das Ciências Naturais, o objetivo é ampliar a curiosidade das crianças, incentiva-lás a levantar hipóteses e a construir conhecimentos sobre os fenômenos físicos e químicos, sobre os seres vivos e sobre a relação entre o homem e a natureza e entre o homem e as tecnologias.

## 2.3 O ESPAÇO DAS NOÇÕES LÓGICO-MATEMÁTICAS NOS ANOS INICIAIS.

O objetivo do trabalho com as Noções Lógico-Matemáticas nos anos iniciais é encorajar as crianças a identificar semelhanças e diferenças entre diferentes elementos, classificando, ordenando, e seriando; a fazer correspondência e agrupamentos; a comparar conjuntos; a pensar sobre números e quantidades.

É importante que as atividades sejam acompanhadas de jogos e de situações- problema que promovam a troca de idéias entre as crianças.

## 2.4 O ESPAÇO DA LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS.

As discussões a respeito do momento em que se deve começar o ensino da leitura e da escrita parecem não ter fim, tradicionalmente a investigação sobre as questões de alfabetização giravam em torno da pergunta: **Como** se deve ensinar a ler e escrever? Com a implantação do ensino fundamental de nove anos essa pergunta se deslocou para: **Quando** se deve ensinar a ler e a escrever?

Como o foco desse trabalho é o processo de alfabetização no 1º ano, iremos nos aprofundar mais na área das Linguagens oral e escrita, fazendo um comparativo entre os documentos oficiais e as práticas realizadas nas escolas.

As crianças, desde pequenas, convivem com a língua oral em diferentes situações: os adultos que falam com elas e próximo delas. Dessa forma a linguagem oral ocupa um papel central nas relações sociais vivenciadas por todos. Através da oralidade, as crianças participam de diferentes situações de interação social e aprendem sobre a sociedade e sobre elas mesmas. A vivência de algumas situações faz com que as crianças aprendam a falar muito cedo e ao chegarem ao

ensino fundamental já conseguem interagir com maior autonomia. Na escola, elas ampliam suas capacidades de compreensão e produção de textos orais, e o mesmo ocorre com a linguagem escrita. As crianças observam palavras escritas em diferentes lugares, como placas, rótulos, jornais, revistas, outdoors, etc. Nessas experiências com práticas de leitura e escrita, as crianças vão se constituindo como sujeitos letrados.

Emilia Ferreiro, afirma que: “A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade”. (1985, p. 43).

Ainda de acordo com Ferreiro:

A criança que cresce em um meio letrado, está exposta à influência de uma série de ações. E quando dizemos ações, neste contexto, queremos dizer interações. Através das interações adulto-adulto, adulto-criança e crianças entre si, criam-se as condições para a inteligibilidade dos símbolos. (Ferreiro 1985, p.59)

Atualmente sabemos que as crianças que vivem em ambientes ricos de experiência de leitura e escrita, não só se motivam para ler e escrever, mas refletem desde pequenos sobre os diferentes textos, seus usos e finalidades.

Segundo Telma Weisz:

Os professores especialmente os de classes iniciais, que quiserem contribuir para que todos os alunos de sua classe tenham as mesmas possibilidades de aprender, devem cumprir o papel de estimulá-los a participar de uma cultura. Não de uma cultura infantilizada, já que as crianças são capazes de conviver com coisas muito interessantes e elaboradas.

Não se pode pensar que, por não serem ainda capazes de ler e escrever, as crianças devam ouvir histórias com meia dúzia de frases simples que, como diz o psicanalista Bruno Bettelheim no livro *Psicanálise da Alfabetização*, ofendem sua inteligência. (Weisz 2006, p. 50)

Na área das linguagens, é preciso assegurar um ensino que permita a realização de atividades variadas com os mais diversos tipos de gêneros textuais, esses textos precisam ter significado para as crianças, é importante que o dia - a - dia das crianças no primeiro ano do ensino fundamental seja repleto de atividades que proporcionem um maior contato com a linguagem oral e escrita, esse contato pode ocorrer através de atividades como: escuta diária da leitura de textos diversos, leitura e escrita espontânea de textos diversos, mesmo que os alunos ainda não tenham adquirido o domínio das convenções da escrita e participação de jogos e

brincadeiras com a linguagem. As crianças precisam também ser encorajadas a conversar, a discutir e a refletir sobre a escrita alfabética. Corsino afirma que:

(...) um dos principais objetivos do trabalho com a linguagem nos primeiros anos/ séries do ensino fundamental é lhes assegurar o conhecimento sobre a natureza e o funcionamento do sistema de escrita, compreendendo e se apropriando dos usos e convenções da linguagem escrita nas suas mais diversas funções. (Brasil, 2006, p. 61)

Através das palavras dos autores citados acima, fica evidente que a ampliação do ensino fundamental para nove anos não significa apenas a garantia de mais um ano de escolarização obrigatória, é uma oportunidade para que as crianças de seis anos pertencentes às classes sociais menos favorecidas possam ser introduzidas ao ambiente escolar tendo oportunidade à permanência e a aprendizagem com qualidade. Weisz (2006, p. 50) afirma que: “de uma perspectiva construtivista, as crianças precisam navegar na cultura, na internet, na arte, em todas as áreas do conhecimento, em todas as linguagens, em todas as possibilidades”.

Por tanto, o trabalho na área de linguagens não deve se limitar apenas à alfabetização. Reafirmando o pensamento exposto acima, Corsino diz que o trabalho com as linguagens nos anos iniciais deve, “dar oportunidade para que as crianças apreciem diferentes produções artísticas e também elaborem suas experiências pelo fazer artístico, ampliando a sua sensibilidade e a sua vivência estética”. (Brasil, 2006, p.61).

No entanto em nossas observações e conversas com os professores ficou evidente como a alfabetização continua sendo o cerne das discussões. É necessário um planejamento cuidadoso que possibilite o desenvolvimento de todas as áreas do conhecimento, esse planejamento deve ser articulado com os outros anos iniciais do ensino fundamental.

Deve-se elaborar uma proposta pedagógica que envolva as diferentes áreas do currículo de forma integrada, onde se priorizem as interações entre adultos e crianças. Um trabalho de qualidade para as crianças nas diferentes áreas do currículo exige ambientes aconchegantes, seguros, encorajadores, desafiadores, criativos e alegres; nos quais as atividades elevem sua auto-estima, valorizem e ampliem sua leitura de mundo e seu universo cultural.

## Capítulo III

### O QUE PENSAM OS PAIS SOBRE O ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS.

O contato com as escolas nos permitiu averiguar que os objetivos da nova proposta são bastante audaciosos, pois não necessita apenas de investimentos em infra-estrutura, recursos materiais e formação continua dos professores, ela exige também uma ampla mudança na cultura escolar.

Além de todos os aspectos citados acima, o desenvolvimento da pesquisa nos permitiu identificar outro grande desafio: a concepção dos pais sobre a nova proposta do ensino fundamental de nove anos que tiveram que aderir por causa da obrigatoriedade da lei.

As informações que serão relatadas a seguir foram extraídas de conversas realizadas com pais de alunos de seis anos de idade, matriculados no 1º ano do ensino fundamental de nove anos.

O primeiro contato com os pais ocorreu através de nossa participação nas reuniões de pais e mestres, onde a nossa pesquisa foi apresentada e no final das reuniões pudemos iniciar nossas conversas. As conversas foram rápidas durando de 15 a 20 minutos em média e a maioria dos pais mostrou-se interessados em abordar o assunto.

Durante as conversas os temas abordados foram: se as crianças haviam freqüentado ou não a Educação Infantil no ano anterior, como e por quem os pais foram informados sobre a nova proposta, como compreendem e avaliam essa nova proposta, e por fim, como as crianças estavam enfrentando sua experiência escolar.

Segue a transcrição de alguns trechos das conversas:

*S: Eu entendi que ia ter um ano a mais. De oito passou para nove anos. Eu não entendi muito bem o porquê, mas acho que é para as crianças aprenderem mais.*

*C: O ensino do Brasil estava muito atrasado e teve que fazer um ano a mais. Deve ser mais produtivo para a criança também, dizem que esta idade, é a melhor idade para ela estar aprendendo as coisas. Aí, eu vim e matriculei ela aqui.*

*M: Quando fiquei sabendo da mudança, falei pra ele que agora ele ia ter que estudar que já ia pra primeira série. Ia aprender a ler e a escrever, não era pra ele ficar brincando mais. Hoje em dia quanto mais ele aprender é melhor, no futuro vai arrumar um emprego bom.*

*L: Fiquei meio preocupada, ela era tão pequenininha, ir para escola com as crianças maiores, fiquei com medo de se machucar, mas depois a professora explicou que os horários seriam separados.*

*C: Eu e minha filha ficamos confusa, no primeiro dia de aula ela chegou em casa dizendo que a prô tinha dito que ela estava no 1º ano do Ciclo 1, não era mais 1ª série. Na reunião a professora disse que as crianças iam ter mais atividades de leitura, parlendas, trava-línguas e contos, ela tem muita lição de casa. Acho muito bom, assim ela aprende a escrever e a ler mais cedo.*

Analisando os trechos das conversas é possível verificar que a maior parte dos pais entendeu que as novas experiências escolares trariam importantes contribuições para o processo de aprendizagem de seus filhos. Os pais demonstraram terem construído grandes expectativas de que a frequência antecipada das crianças às escolas só poderia ter um único objetivo: o de alfabetizá-las.

A análise das conversas permitiu identificar também que os pais se opõem as atividades lúdicas que devem fazer parte do novo currículo. Podemos verificar isso em outro trecho das conversas:

*Wilma: O primeiro dia que ele chegou da escola eu perguntei: Kaique o que você fez hoje? E ele respondeu 'nada mãe, eu brinquei. Ficou só brincando.. Mas como assim, vai pra escola pra brincar. Achei estranho, ainda acho que devia ter mais lição.*

*C: O que você fez na escola ontem? Ah, eu assisti DVD, brinquei. Ué?!? Aí eu fiquei meio brava também.*

*Ana Maria: Eu perguntei pra Laura: você não faz lição? O que você faz lá? Você não tá fazendo nada? Ela disse, a gente leu o texto, fez o desenho. Fez a história. A gente brincou. Eu falei: mas vai ficar só nisso? Lendo histórias? Brincando?*

O trabalho com outras atividades que não fossem ligadas a alfabetização foram olhadas na maior parte das vezes com desprezo e oposição, embora em alguns momentos os pais tivessem uma atitude compreensiva em relação às brincadeiras, esta compreensão só era possível quando as atividades de alfabetização estavam sendo trabalhadas ao mesmo tempo à atividade lúdica e de maneira privilegiada. Em geral, quando as crianças informavam aos pais sobre sua alegria em ter brincado e/ou sobre seus desejos de brincarem mais nas escolas, os pais diziam que a escola não era lugar para brincar, buscando convencê-las das vantagens de terem crescido e de estarem freqüentando o primeiro ano do ensino fundamental.

Pode-se concluir que os pais acreditam que o papel da escola é viabilizar a ascensão social dos alunos, e isso só ocorrerá se a escola garantir aos alunos a apropriação de conhecimentos específicos como a aquisição da leitura, da escrita e o domínio das competências do cálculo. Por esse motivo todas as outras atividades que parecem afastar as crianças destas atividades que são vistas como fundamentais, são suspeitas aos olhos dos pais. As atividades lúdicas neste caso aparecem como inúteis e como pura perda de tempo.

Assim, no sentido oposto dos idealizadores do projeto, os pais esperavam que fosse garantido aos seus filhos exatamente a aprendizagem de conteúdos e atividades da tradicional primeira série do ensino fundamental, atividades que os documentos oficiais orientam que sejam extintas.

## Conclusão

Pode-se concluir através desse trabalho que o objetivo de aumentar um ano na escolaridade obrigatória é dar oportunidades para que as crianças tenham mais tempo de convívio escolar e maiores oportunidades de aprendizagens, os documentos oficiais são claros ao dizer que não se deve copiar ou transferir conteúdos da antiga primeira série e sim que as escolas devem elaborar uma nova proposta de ensino que atenda as necessidades das crianças de seis anos de idade que foram incluídas no primeiro ano do novo ensino fundamental.

Porém, o contato que tivemos com as escolas nos mostrou uma realidade diferente, muitos professores têm como objetivo central alfabetizar seus alunos nesse primeiro ano, o dia da semana que era destinado ao brincar foi extinto, dando lugar a atividades de alfabetização e as reuniões pedagógicas ao invés de dar formação aos professores, serve de lugar para que os professores mostrem o resultado de seu trabalho, relatando quantos alunos alfabéticos já têm em sua sala.

Outra questão relevante que verificamos com a realização da pesquisa foi a opinião dos pais em relação ao processo de alfabetização de seus filhos, a maior parte se opõe a atividades lúdicas, acreditam que quanto antes seus filhos forem alfabetizados melhor será seu desempenho nos outros anos, e no futuro terão melhores oportunidades de trabalho e por consequência uma vida melhor.

Portanto, antes de qualquer mudança é necessário que a população em geral seja ouvida, que os assuntos sejam expostos e discutidos, é preciso mudar a cultura escolar de alguns pais e professores que acreditam que a escola não é lugar para brincadeira.

Enfim, é preciso que o aumento do tempo de escolarização esteja sempre atrelado a qualidade de ensino, só assim os objetivos do novo ensino fundamental serão realmente alcançados.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Ensino Fundamental de Nove Anos: Orientações Gerais. Brasília, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária da Educação Básica. Ensino Fundamental de Nove Anos: Orientações para a inclusão das crianças de seis anos de idade. Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação, Resolução CEB nº 2, de 7 de abril de 1998.

FERREIRO, Emilia. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 1985.

WEISZ, Telma. O Diálogo entre o Ensino e a Aprendizagem. São Paulo: Ática, 2006.